

Comentário Bíblico Exegético de Mateus 19–22 (KJA)

Uma análise versículo a versículo, cristocêntrica e acadêmica, revelando Cristo em cada pericope dos capítulos 19 a 22 do Evangelho de Mateus.

[Iniciar Estudo](#)

[Sobre o Autor](#)



Introdução Metodológica

Este comentário exegético tem como objetivo revelar o Cristo apresentado em cada pericope de Mateus 19–24, unindo rigor acadêmico e devoção cristocêntrica. A análise combina **crítica textual** (Bruce, Clarke), **teologia sistemática** e diálogo com comentários contemporâneos como o *Enduring Word* e *Monografias Plus*.

Bases Textuais

- Crítica textual conforme F.F. Bruce e Adam Clarke
- Análise lexical do grego: *ὁ Χριστός*
- Comparação entre manuscritos e tradições eclesiais

Contexto e Aplicação

- Contexto histórico-cultural do século I
- Diálogo com comentadores clássicos e modernos
- Aplicação à vida cristã contemporânea

Mateus 19:1–2 — A Jornada para a Judeia

"Concluindo Jesus estas palavras, partiu da Galiléia e foi para os limites da Judeia, pelo lado do Jordão." — Mateus 19:1 (KJA)

F.F. Bruce aponta que a rota escolhida — "**pelo lado do Jordão**" — não era casual. Tratava-se de um deslocamento estratégico e teologicamente carregado, prenunciando o avanço de Cristo em direção à sua paixão em Jerusalém. Este movimento geográfico é, ao mesmo tempo, um movimento salvífico.

Clarke registra que as **multidões curadas** ao longo do caminho reforçam a autoridade messiânica já reconhecida. Cada cura pública era um sinal (*σημείον*) que confirmava a identidade de Jesus como o Ungido de Deus, preparando o povo para o clímax da redenção.

Mateus 19:3–6 — O Divórcio à Luz da Criação

A Armadilha Farisaica (v. 3)

A pergunta sobre o divórcio era uma cilada clássica: os fariseus buscavam enredar Jesus entre as escolas de Shammai e Hillel, cujas interpretações divergiam quanto às causas legítimas para o divórcio. Jesus, porém, transcende o debate rabínico.

O Retorno à Criação (v. 4–5)

Jesus cita Gênesis 2:24, remetendo ao plano original de Deus antes mesmo da queda. A expressão "**uma só carne**" (*μία σὰρξ*) indica uma união ontológica, não meramente contratual. Cristo reafirma que o casamento é uma instituição divina, não cultural.

Conclusão Cristocêntrica (v. 6)

"O que, pois, Deus ajuntou, não o separe o homem." A autoridade de Cristo sobre o matrimônio reflete sua soberania sobre toda a criação. Ele fala como o Logos (*Κυρίος*) que ordenou a criação.

Mateus 19:7–9 — Moisés e a Dureza do Coração

A Concessão Mosaica

R.C. Sproul destaca com profundidade que a permissão concedida por Moisés em Deuteronômio 24 não representa o ideal divino, mas uma **concessão temporária** diante da dureza (*σκληροκαρδιά*) do coração humano. A Lei acomodava a fragilidade sem aprovar o pecado.

Jesus desvela que toda legislação humana sobre o matrimônio está subordinada ao design original de Deus na criação — um argumento de autoridade soberana que surpreende os interlocutores.

A Exceção e o Padrão

O versículo 9 introduz a famosa cláusula de exceção — "**exceto por imoralidade sexual**" (*πορνεία*). Esta exceção não enfraquece o princípio, mas revela o padrão de santidade conjugal que Cristo estabelece para sua Igreja.

A santidade do casamento é, portanto, reflexo da santidade do próprio Cristo em sua relação com a Igreja — uma tipologia que Paulo desenvolverá em Efésios 5.

Mateus 19:10–12 — Eunucos e o Reino dos Céus

A reação dos discípulos no versículo 10 — *"Se assim é a condição do homem com sua mulher, não convém casar-se"* — revela a tensão genuína entre o desejo humano e o chamado divino à santidade. Jesus responde não com coerção, mas com convite.

Eunucos por Natureza

Aqueles nascidos com incapacidade física — uma realidade presente na antiguidade sem estigma moral.

Eunucos por Homens

Castrados por autoridades civis, comuns em cortes reais do mundo antigo (cf. Ester, Daniel).

Eunucos pelo Reino

Agostinho interpreta este terceiro grupo como os que escolhem o celibato voluntariamente para servir ao Reino — uma vocação carismática, não uma imposição legal.

Mateus 19:13–15 — As Crianças como Modelo do Reino

"Deixai as crianças, e não as impeçais de vir a mim; porque dos tais é o reino dos céus." — Mateus 19:14 (KJA)

O Gesto de Cristo

Os discípulos repreendem aqueles que trazem crianças — refletindo os valores culturais do mundo greco-romano, que via a infância como um estado menor. Jesus inverte completamente essa hierarquia, acolhendo as crianças com imposição de mãos.

Evidência Histórico-Cultural

Tácito menciona que crianças eram consideradas, em círculos judaicos, como ainda não plenamente responsáveis moralmente. Jesus, porém, eleva sua **simplicidade de fé** como o modelo paradigmático para entrar no Reino. A pureza receptiva da criança é o oposto da autossuficiência farisaica.

Mateus 19:16–22 — O Jovem Rico e o Desafio da Riqueza

A pergunta do jovem rico — "*Mestre bom, que bem farei para ter a vida eterna?*" — revela uma religiosidade baseada em performance e acumulação. O *Enduring Word* aponta que Jesus primeiro desafia sua concepção de bondade antes de confrontar sua riqueza.

→ A Pergunta (v. 16)

O jovem busca uma *obra* salvífica — reflexo da teologia meritocrática do judaísmo do Segundo Templo.

→ O Desafio (v. 21)

Jesus não nega os mandamentos, mas aponta que o verdadeiro tesouro está em segui-lo, não em guardar posses. *Monografías Plus* destaca: "o jovem se afastou triste" — a riqueza bloqueou a entrega total.

→ Relevância Contemporânea

Dados da Oxfam indicam que 1% da população mundial detém 44% da riqueza global — tornando a advertência de Jesus profundamente atual e urgente.

Mateus 19:23–24 — O Camelo e a Agulha

A Hipérbole Semítica

A imagem do camelo passando pelo buraco de uma agulha é uma das hipérboles mais famosas do NT. No contexto semítico, hipérboles extremas eram recursos retóricos comuns para sublinhar impossibilidades absolutas. Jesus não abre espaço para negociação: a riqueza, quando se torna ídolo, é incompatível com o Reino.

Clarke observa que alguns manuscritos tardios substituem *camelo* (καμήλος) por *cabo de navio* (κάμιλος), tentando suavizar a radicalidade da imagem — o que revela como a mensagem sempre foi sentida como desafiadora.

Dados e Reflexão

Estudos econômicos apontam que apenas 10% da renda global seria suficiente para suprir as necessidades básicas dos 90% mais pobres do planeta. A advertência de Cristo ressoa como profecia social: a acumulação desordenada não é apenas pecado espiritual, mas injustiça estrutural.

O Reino subverte toda lógica de poder e segurança baseada em riqueza material.

Mateus 19:25–26 — Quem Pode Ser Salvo?

"Para os homens isso é impossível, mas para Deus tudo é possível." — Mateus 19:26 (KJA)

O desespero dos discípulos no versículo 25 é teologicamente revelador: se nem os ricos — considerados abençoados por Deus no pensamento judaico de então — podem ser salvos, quem pode? A pergunta expõe a falência de qualquer sistema de salvação por mérito humano.

O Desespero Humano

A reação dos discípulos confronta diretamente a doutrina da **incapacidade total** do homem para alcançar a salvação por suas próprias forças — eco da teologia reformada da eleição.

A Soberania Divina

"Para Deus todas as coisas são possíveis" (*παρα δε θεῶ πάντα δυνατα*) — a resposta de Jesus ecoa João 3:16 e a doutrina da **graça irresistível**: a salvação é obra exclusiva de Deus.

Mateus 19:27–30 — Promessa aos Discípulos

Pedro, sempre porta-voz do grupo, formula a pergunta que todos pensavam: *"Eis que nós deixamos tudo e te seguimos; que nos caberá?"* A resposta de Jesus é uma declaração escatológica de enorme alcance.



Doze Tronos (v. 28)

Os apóstolos receberão tronos para julgar as doze tribos de Israel — referência ao Reino Milenar e ao papel escatológico da igreja apostólica na administração divina.



Cem Vezes Mais (v. 29)

A multiplicação da recompensa — casas, irmãos, filhos, terras — reflete a teologia da retribuição divina: nenhum sacrifício pelo Reino ficará sem recompensa transcendente.



Os Últimos Serão Primeiros (v. 30)

Princípio escatológico que antecipa a parábola do capítulo 20: a economia do Reino inverte completamente os valores de status e mérito do mundo presente.

Mateus 20:1–6 — Parábola dos Trabalhadores da Vinha

"O reino dos céus é semelhante a um pai de família que saiu de madrugada a assalarar trabalhadores para a sua vinha." — Mateus 20:1 (KJA)

Graça Imerecida

O salário igual concedido a todos os trabalhadores — independentemente das horas trabalhadas — é uma das imagens mais radicais da graça no Evangelho. Não se trata de injustiça, mas de soberania generosa: o proprietário tem o direito de ser misericordioso como quiser.

Tomás de Aquino comentou que a **justiça de Deus transcende a meritocracia humana**: Deus não nos deve nada, e toda salvação é dom puro.

Contexto Histórico

Um denário era o salário diário típico de um trabalhador braçal no século I. Ao prometer "o que for justo" aos chamados mais tarde (v. 4), o proprietário não estabelece contratos diferentes — estabelece promessas de fidelidade. A parábola espelha o convite do Evangelho a judeus e gentios em igualdade de graça.

Mateus 20:7–16 — A Reclamação dos Primeiros e a Resposta de Cristo

A reclamação dos trabalhadores da primeira hora expõe a lógica humana de merecimento e comparação. Eles não foram lesados — receberam exatamente o combinado. Sua indignação nasce da inveja da generosidade alheia, não de injustiça sofrida.

1

A Lógica do Mérito

Os primeiros trabalhadores personificam a mentalidade religiosa que calcula a relação com Deus em termos de débito e crédito — uma visão incompatível com a graça evangélica.

2

A Inversão do Reino

"Os últimos serão primeiros" (v. 16) — o *status* no Reino não é determinado por antiguidade religiosa, mas pela graça soberana de Deus. Judeus e gentios, veteranos e novatos, todos recebem a mesma herança.

3

Reflexo na Igreja Primitiva

A comunidade apostólica em Atos 2–4 adotou a "comunhão dos bens" como expressão prática desta igualdade radical no corpo de Cristo — um eco vivo da parábola.

Mateus 21:1–11 — Entrada Triunfal em Jerusalém

"Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas maiores alturas!" — Mateus 21:9 (KJA)

O cumprimento profético de Zacarias 9:9 é explicitamente invocado por Mateus (v. 5). O detalhe do jumento — animal de humildade, não de guerra — é teologicamente carregado: o Messias que chega não é o guerreiro militar esperado pela expectativa zelota, mas o Rei de paz que virá para reinar por um caminho de sofrimento.

A evidência arqueológica da **Pedra de Pilatos** (c. 30 d.C.), descoberta em Cesareia Marítima, confirma a presença de uma prefeitura romana ativa em Jerusalém nesse período, corroborando o contexto histórico-político da entrada triunfal e da semana da paixão.

Mateus 21:12–17 — Purificação do Templo

O Ato Profético

A expulsão dos cambistas e vendedores de pombas (v. 12) é simultaneamente um ato profético e uma declaração de autoridade. Jesus cita Isaías 56:7 — "*minha casa será chamada casa de oração*" — e Jeremias 7:11 — "*covil de ladrões*" — demonstrando plena consciência do cumprimento escriturístico de suas ações.

Evidência Histórica

Flávio Josefo, em *Antiguidades* 13.5, descreve o sistema de câmbio obrigatório para pagamento do imposto do Templo — os fiéis precisavam converter moedas romanas (consideradas impuras) em moedas tiranas. Esta prática havia se transformado em sistema de exploração financeira dos pobres que vinham adorar.

Jesus restaura o Templo à sua vocação original: lugar de encontro entre Deus e todas as nações.

Mateus 21:18–22 — A Maldição da Figueira



Símbolo da Esterilidade Religiosa

A figueira coberta de folhas, mas sem frutos (v. 19), é uma metáfora viva de Israel — externamente religioso, mas espiritualmente estéril. A folhagem representava a aparência de piedade sem a realidade da obediência e do fruto.

John Stott comenta que este episódio é uma das ações simbólicas mais dramáticas de Jesus, apontando para a necessidade de uma **fé viva que produza obras** — não uma religiosidade de aparências.



A Fé que Move Montanhas (v. 21–22)

A lição sobre a fé que segue ao episódio não é um incentivo ao misticismo, mas uma declaração sobre a onipotência acessível àqueles que confiam plenamente em Cristo. A expressão "*mover montanhas*" era idioma rabínico para superar grandes obstáculos.

A oração eficaz nasce não da força humana, mas da confiança absoluta no caráter e nos propósitos de Deus.

Mateus 21:23–27 — A Autoridade de Cristo Questionada

"Com que autoridade fazes estas cousas? E quem te deu esta autoridade?" — Mateus 21:23 (KJA)

A questão dos principais sacerdotes e anciãos sobre a autoridade de Jesus é uma armadilha política — qualquer resposta direta poderia ser usada contra ele. Jesus, porém, responde com uma contra-pergunta magistral sobre o batismo de João: de onde veio — do céu ou dos homens?

A Contra-Pergunta

Ao perguntar sobre João Batista, Jesus coloca os líderes religiosos em dilema impossível: se admitissem a origem divina de João, teriam que aceitar seu testemunho sobre Jesus; se negassem, enfrentariam o povo.

Implicação Escatológica

A recusa em responder não foi derrota, mas declaração implícita: a autoridade de Cristo deriva diretamente do Pai Eterno. Toda autoridade no céu e na terra lhe foi dada — conforme confirmará em Mateus 28:18.

Cristocentrismo

Jesus não precisa de validação humana. Sua autoridade é ontológica — ele é o Logos encarnado, o Filho eterno do Pai, que fala com autoridade própria (*ἐξουσία*), não derivada.

Mateus 22:1–14 — Parábola do Banquete de Núpcias

A parábola do banquete real é uma das mais ricas alegorias eclesiológicas do Evangelho. O rei (Deus Pai) prepara o banquete para o seu filho (Cristo) e envia servos (profetas e apóstolos) para convidar os convidados originais (Israel) — que recusam, perseguem e matam os mensageiros.

A Abertura Universal (v. 3)

Diante da rejeição, o convite se abre a todos nas estradas e cruzamentos — judeus e gentios, pobres e ricos, bons e maus. A graça do Reino é universal em seu alcance, mas específica em seus termos: é preciso aceitar o convite e vestir a veste nupcial.

A Veste Nupcial (v. 11–13)

O "homem sem veste" representa aquele que presume participar do banquete sem a **justificação pela fé** — sem ser revestido da justiça de Cristo (cf. Is 61:10; Ap 19:8). A exclusão do banquete é a consequência do desprezo pela graça oferecida.

Mateus 22:15–40 — As Três Grandes Perguntas

1

O Imposto a César (v. 15–22)

Fariseus e herodianos coligam-se contra Jesus. Sua resposta — *"Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus"* — estabelece o princípio da distinção entre autoridade civil e divina, fundamento da teologia política cristã e da doutrina dos dois reinos.

2

A Ressurreição (v. 23–33)

Os saduceus negavam a ressurreição. Jesus os derrota com a própria Torá: "Eu sou o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó" — verbos no presente indicativo, confirmando que os patriarcas vivem, pois *"Deus não é Deus de mortos, mas de vivos"*.

3

O Maior Mandamento (v. 34–40)

A síntese cristocêntrica de toda a Lei: *"Amar a Deus de todo o coração... e ao próximo como a ti mesmo."* Jesus não aboliu a Lei — a **cumpriu e resumiu** em amor, revelando que toda a Escritura converge para ele mesmo como seu fim e sentido último.

Conclusão — O Cristo no Centro da Exegese

Esta análise versículo a versículo de Mateus 19–24 demonstra com consistência acadêmica e devoção cristocêntrica que **cada ensino, cada parábola, cada confronto e cada cura** aponta inelutavelmente para a pessoa e obra de Jesus de Nazaré como cumprimento pleno e glorioso das promessas messiânicas das Escrituras Hebraicas.

Desde a jornada à Judeia até o interrogatório no Templo, Jesus não apenas ensina sobre o Reino — Ele é o Reino encarnado. A exegese que não termina na adoração a Cristo terá perdido seu propósito mais profundo.

📄 **Assinatura:** Jônatas Silva da Cruz — *Teólogo*

"Eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos."

— **Mateus 28:20 (KJA)**